



MOVRAS ENCANTADAS

e Outras Histórias

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Pelouro da Cultura
Edição do Museu Municipal

A LENDA DO CASTELO DE ALVERCA

Índice

Lenda do Castelo de Alverca pág. 3
[adaptação livre a partir da Monografia de Alverca,
de José do Carmo Pacheco]

Lenda da Fonte do Choupal pág. 9
[adaptação livre do texto de José Rafael Pinto,
publicada no *Diário de Notícias* em 21 de Dezembro de 1929]

A espada pág. 14

Museu Municipal
Vila Franca de Xira

Índice

FICHA TÉCNICA:

Título: Mouras Encantadas e Outras Lendas

Autor: Anabela Ferreira – Adaptação livre baseada em textos
de José do Carmo Pacheco e José Rafael Pinto

Ilustrações: João Ramalho

Propriedade: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Maquetagem e arranjo gráfico: Constantino Agostinho

Capa: João Ramalho e Constantino Agostinho

Execução Gráfica: SOARTES - artes gráficas, lda.

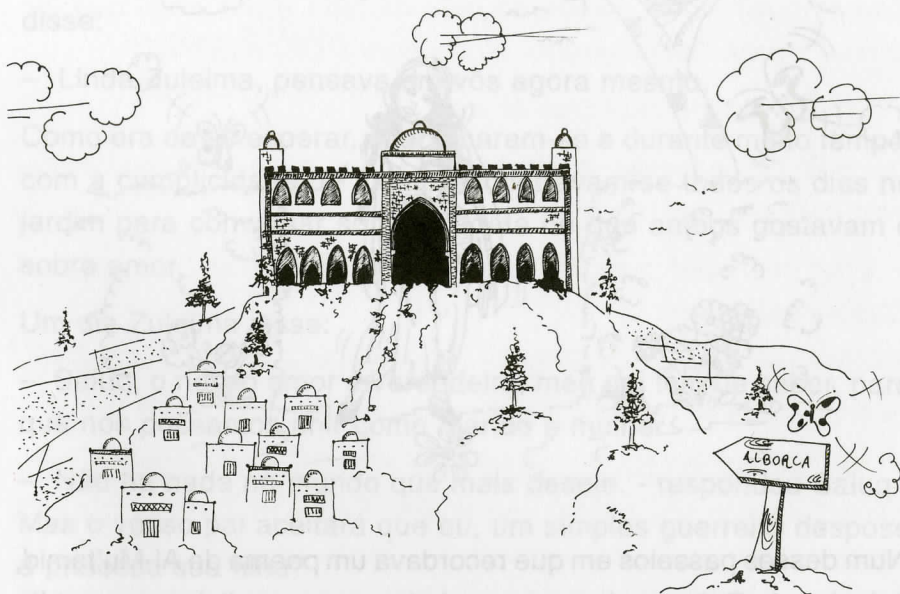
Edição: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, Maio de 1999

Tiragem: 5.000 exemplares

Depósito legal N.º: 138380/99

ISBN 972-8241-20-8

A LENDA DO CASTELO DE ALVERCA



Muito antes de existir Portugal, quando Alverca ainda se chamava Alborca e era uma pequena povoação rodeada por campos cultivados, bem no cimo do monte havia um castelo.

Nesse tempo, toda a Península Ibérica estava ocupada pelos Árabes e no castelo de Alborca governava Al-Cadafi, poderoso Emir, que amava duas coisas acima de tudo: a filha Zuleima e o tesouro de pedras preciosas e ouro que era o seu orgulho.

Zuleima era uma princesa de longos cabelos negros, sonhadora e bela que passava os dias a ler poesia e a passear pelo jardim que rodeava o castelo, sempre acompanhada por uma ama de nome Itimad.



Num desses passeios em que recordava um poema de Al-Mu'tamid, príncipe de Beja, ouviu uma voz de homem que dizia em voz alta esse mesmo poema, que começava assim:

Invisível a meus olhos

trago-te sempre no coração.

Te envio um adeus feito paixão

e lágrimas de pena como insónia.

Inventaste como possuir-me

e eu, o indomável que submisso vou ficando!

Meu desejo é estar contigo sempre

oxalá se realize tal desejo!

Assegura-me que o juramento que nos une

nunca a distância o fará quebrar ...

Admirada, Zuleima pediu a Itimad que fosse ver quem dizia o poema.

Pouco depois Itimad regressava e com ela vinha o jovem Saluq, guerreiro do Emir Al-Cadafi. Ao ver a princesa ajoelhou-se e disse:

– Linda Zuleima, pensava em vós agora mesmo.

Como era de se esperar, apaixonaram-se e durante muito tempo, com a cumplicidade de Itimad encontravam-se todos os dias no jardim para conversar sobre o poeta de que ambos gostavam e sobre amor.

Um dia Zuleima disse:

– Saluq, o nosso amor é verdadeiro, meu pai tem de saber, para que nos possamos unir como marido e mulher.

– Não há nada no mundo que mais deseje. - respondeu Saluq - Mas o vosso pai aceitará que eu, um simples guerreiro despose a princesa sua filha?

Zuleima riu e disse:

– Meu pai há-de querer que eu seja feliz, e só o serei a teu lado.

Zuleima não imaginava que Al-Cadafi a estava a guardar para ser esposa do Emir Al-Gabor, velho e rico senhor das terras do sul. Por isso, quando soube das intenções da filha, encheu-se de fúria e gritou:

– Nunca! Jamais! És parte do meu tesouro. Não te darei a um inútil. Proíbo-te de voltares a vê-lo!

Zuleima chorou, mas o amor por Saluq era mais forte que o medo ao pai e, durante algum tempo continuaram a encontrar-se no jardim.

Certo dia Al-Cadafi descobriu. Cheio de raiva pegou na cimitarra e dirigiu-se ao jardim. Encontrando os jovens de mãos dadas, ergueu a arma e, ali mesmo, matou Saluq. Horrorizada Zuleima olhou o pai, abriu a boca para gritar, mas não foi capaz, caiu no chão. Al-Cadafi ajoelhou-se, pegou na mão da filha e percebeu que ela estava morta. Desesperado, olhou para o céu e gritou:

– Oh Alá, que fiz eu? Que fiz eu?

Durante todo esse dia, cheio de dor e remorso, o Emir deambulou pelo palácio. Quem passava por ele ouvia:

– Era o meu maior tesouro e morreu por minha causa. Que monstro! Que monstro sou!

Ao anoitecer surgiu às portas do castelo uma velha feiticeira que pediu para falar com o Emir. Quando chegou junto dele disse:

– Sei do teu desgosto. Só há uma coisa que podes fazer para remediar um pouco do mal que fizeste. Existe uma mina em baixo deste monte, que só eu conheço. Deves depositar a tua filha morta e o teu imenso tesouro nas galerias da mina. Só assim terás paz.

– Mas - retorquiu Al-Cadafi - se fizer isso os ladrões vão querer roubar o tesouro e vão perturbar o sono da minha querida Zuleima.

– Ninguém tentará roubar tesouro algum. Eu tratarei de o proteger.
- respondeu a velha feiticeira.

Nessa noite, quando a lua brilhava redonda sobre o castelo, a feiticeira e o Emir, carregando nos braços a princesa, subiram para uma carroça onde já estava o tesouro, desceram o monte e entraram na mina. No fundo havia duas galerias. Numa delas depositaram a princesa, num leito de tecidos preciosos, noutra guardaram o tesouro.

Depois, a feiticeira ergueu os braços para o céu e gritou:

Ablá di.

Ablá deste.

Encerro-te a ti

e mais à Peste.

Que ninguém perturbe

o sono forte,

se não quiser

encontrar a morte.

Com este feitiço, a entrada da mina ficou para sempre encerrada.

No dia seguinte, Al-Cadafi fez saber que quem tentasse entrar na mina correria perigo de vida, porque junto com o tesouro a feiticeira encerrara a Peste.

Passaram-se os anos. Al-Cadafi morreu velhinho e pobre. Passaram-se os séculos e durante todo esse tempo a história de Zuleima transformou-se numa lenda.

Até que um dia, uma avó contou ao neto que se chamava Manuel a lenda da moura encantada. E ele pensou: *Hoje é noite de lua cheia. Assim que bater a meia-noite, vou procurar o tesouro. Bem falta nos faz.*

Nessa noite, sem dizer nada a ninguém, pegou num saco grande subiu o monte e pôs-se a procurar a mina.

De repente, ouviu chorar. Olhou para o lugar de onde vinha o choro e viu uma menina sentada numa rocha. Ao principio sentiu medo, ela parecia mesmo um fantasma. Mas depois, aproximou-se e perguntou-lhe porque chorava.

— Choro porque procuras o tesouro e, se o encontrases, vais soltar a peste que a feiticeira encerrou junto com ele. Por tua causa todas as pessoas desta terra vão morrer.

Manuel olhou a lua cheia e pareceu-lhe que ela também chorava. Olhou de novo para a rocha, mas a princesa moura já não estava lá, embora ainda se ouvisse o seu choro. Manuel não pensou duas vezes, desceu o monte a correr. Entrou em casa. Meteu-se debaixo dos lençóis e nunca mais pensou em procurar o tesouro.

Esta história do Manuel, ninguém a sabe, é que ele nunca a contou, a não ser a mim, muitos anos depois.



A LENDA DA FONTE DO CHOUPAL



Há muito tempo atrás - Alverca era ainda uma pequena vila - para os lados do Choupal havia campos de erva tenra, onde era hábito verem-se rebanhos de ovelhas a pastar, junto dos pastores que as guardavam.

O Zé do Pífaro, desde que deixara a escola, era para ali que ia todas as tardes, acompanhado pelo cão pastor e pelo rebanho de ovelhas. Levava a tiracolo um saco de estopa com um pedaço de pão dormido, um quarto de queijo e o pífaro feito de um caniço. À cintura trazia um cântaro com rolha de cortiça, cheio de água, que lhe servia para matar a sede pela tarde fora.

Chegava ao pasto, escolhia um lugar onde houvesse um pouco de sombra, deixava as ovelhas livres no seu lento ruminar, tirava do saco o pífaro e começava a tocar, esquecido do tempo.

Era por causa do pífaru, que nunca largava, que as pessoas da vila lhe tinham dado a alcunha de Zé do Pífaru. As músicas que ele tocava eram tão bonitas que, às vezes, os pássaros deixavam de cantar só para o ouvir.

Só quando o dia começava a escurecer, é que o Zé chamava as ovelhas e seguia para casa. Nessa altura já a mãe o esperava.

– Então Zézinhu. Essas ovelhas pastaram bem? - perguntava, meio a rir, a D. Angélica.

– Sim , minha mãe. Passaram o dia a comer. - respondia sempre o rapaz.

A D. Angélica limpava as mãos ao avental e pedia:

– Vai buscar o ferrado, rapaz. E vem ajudar-me a ordenhar estas ovelhas. Quero ver se faço queijo amanhã. A jorna do teu pai é magra. Com o dinheiro dos queijos, que vou vender a Lisboa, havemos de ter o que comer.

O Zé corria para a cozinha. Pouco depois estava de volta com o ferrado nas mãos. Se havia coisa que ele gostava era de ajudar a ordenhar as ovelhas e de ver a mãe fazer, com o leite, queijos frescos e deliciosos.

Numa tarde de verão, em que o calor era tanto que o Zé tinha que beber, constantemente, da água do cântaro, aconteceu uma coisa estranha. Tinha acabado de inventar uma nova música, quando parou para beber água. O cântaro estava seco.

- Oh que aborrecido! E eu que nem posso voltar a encher o cântaro. Não há um ribeiro, nem uma fonte que seja, aqui perto. A sorte é que não tarda nada está na hora de reunir as ovelhas e seguir para casa.

Mas o tempo custava a passar e a sede aumentava. Até o cão andava de língua de fora, sequioso. Desolado, o rapaz pegou no pífaro e começou a tocar, baixinho, uma música triste.

De repente, uma luz intensa fez com que tivesse que fechar os olhos. Quando voltou a abri-los viu, mesmo diante de si, uma senhora muito bonita, com uma longa trança negra, que lhe chegava aos pés descalços, que se viam por baixo do vestido longo e muito branco.



– Obrigado pela música que me tocou o coração. Há muito tempo que não ouvia nada tão belo. - disse a senhora.

Assombrado, o Zé correu para casa, esbaforido, esquecido do rebanho.

A D. Angélica estava na rua, a conversar com umas vizinhas. Espantadas viram o rapaz correr para elas e contar, meio a gaguejar, o que lhe tinha acontecido.

Pouco depois um grupo de homens e mulheres corriam para o lugar onde o Zé deixara as ovelhas, na esperança de ver o que se passava. No pasto só estavam as ovelhas, não se via ninguém.

– Tens a certeza de ter visto uma mulher, Zé do Pífarô? - perguntou, duvidoso e meio aborrecido o Sr. Custódio.

– Sim. - balbuciou, nervoso, o rapaz - Estava mesmo ali, naquela pedra grande.

Foi quando apontou para lá, que todas as pessoas repararam que, da pedra, corria um fio de água que formava já uma grande poça.



- Milagre da Virgem! - gritou uma velhota, ajoelhando-se no chão.
- Qual Virgem. Foi mas foi uma santa. A Virgem tem mais que fazer. - atalhou o senhor Custódio.
- Ou uma moura encantada. - opinou um velhote de bigodes retorcidos.

A D. Angélica aproximou-se e, de mão em concha, provou a água.

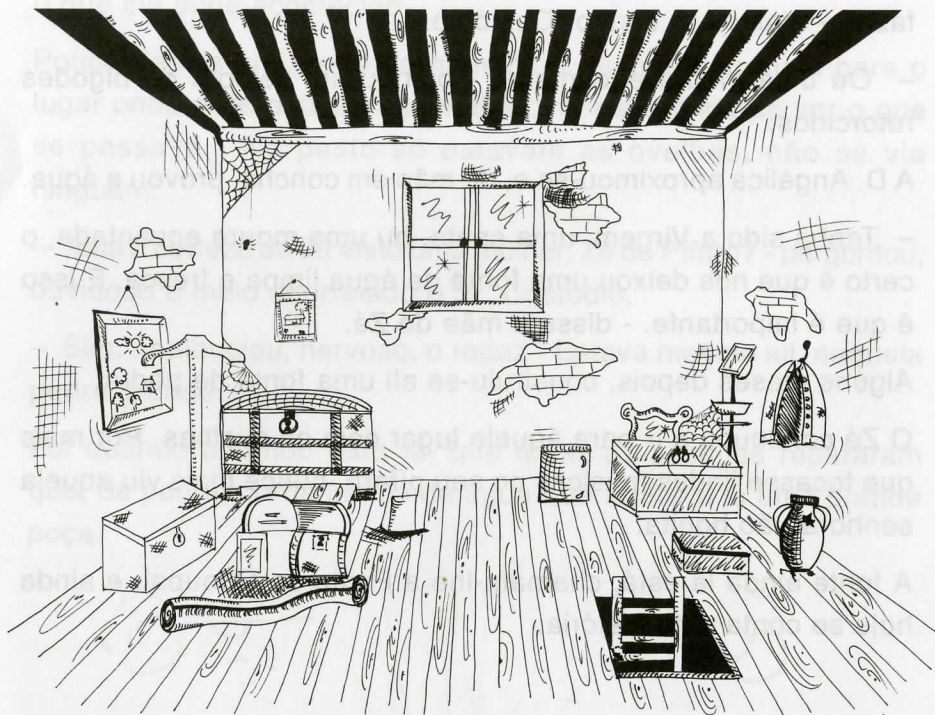
- Tenha sido a Virgem, uma santa, ou uma moura encantada, o certo é que nos deixou uma fonte de água limpa e fresca. E isso é que é importante. - disse a mãe do Zé.

Alguns meses depois, construiu-se ali uma fonte de pedra.

O Zé continuou a ir para aquele lugar com as ovelhas. Por mais que tocasse lindas músicas no seu pífaro, nunca mais viu aquela senhora, tão bonita.

A fonte ainda lá está, chamam-lhe a Fonte do Choupal, e ainda hoje se conta esta história.

A ESPADA



Na casa da avó do Francisco havia um sótão cheio de coisas antigas, guardadas em arcas de madeira e caixas de papelão.

Era um lugar mágico, repleto de histórias. Cada vez que segurava um objecto, qualquer que ele fosse, o Francisco sentia-se transportado no tempo e vivia aventuras fabulosas, interrompidas, invariavelmente pela avó, que o chamava para lanchar, ou para fazer os trabalhos de casa.

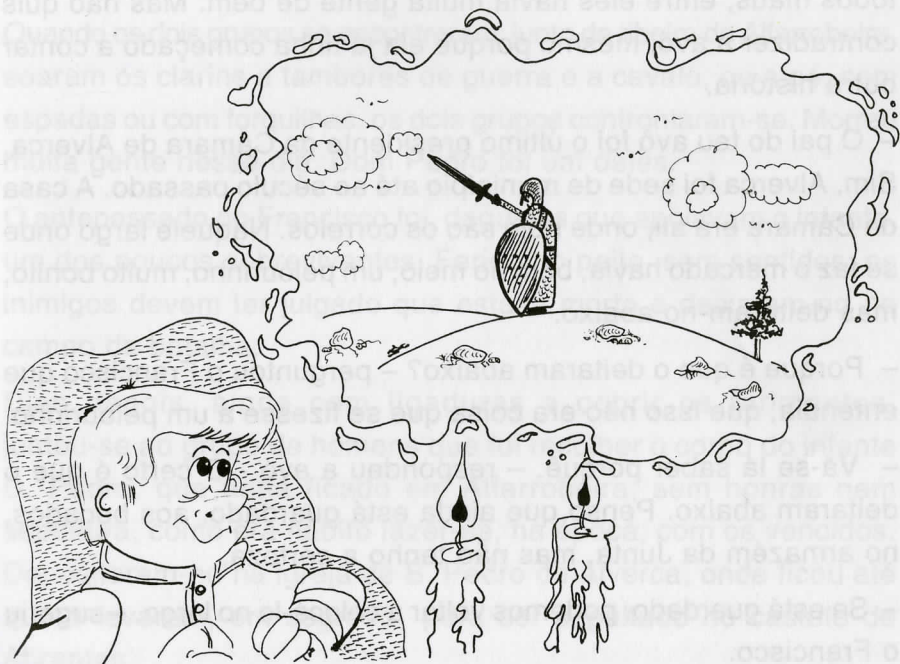
Dentro de uma arca de madeira, carcomida pelo caruncho, havia um chapéu alto, que tinha pertencido ao pai do avô. Sempre que o colocava na cabeça imaginava-se um domador de leões ou um mágico de circo.

Se decidia pegar nos binóculos do avô Arnaldo, imaginava-se embrenhado numa selva, a procurar o rasto de uma fera qualquer.

Havia tantas coisas que, às vezes era difícil escolher com o que brincar. Melhor que tudo, era descobrir coisas dentro de uma caixa escondida, ou por baixo de um monte de papelada.

Um dia, descobriu um curioso cilindro de metal. Pensou que era um telescópio mas, quando espreitou viu imagens coloridas que iam e vinham conforme ele rolava o cilindro entre os dedos. A avó explicou-lhe que era um caleidoscópio, um brinquedo que lhe tinham oferecido quando ela ainda era menina.

Numa outra altura, por baixo de uns reposteiros, encontrou, enrolada numa bandeira, uma espada de verdade. Era um bocado pesada, mas com algum esforço conseguiu elevá-la no ar.



Decidiu não contar à avó essa nova descoberta, de certeza que ela não ia deixá-lo brincar com uma espada. Os adultos arranjam sempre maneira de impedir as melhores brincadeiras, porque tem medo que as crianças se magoem. Assim, escondeu a espada por baixo de uma arca. Quando voltasse a casa da avó havia de saber o que fazer com ela.

A quem teria pertencido aquela espada? Se calhar algum antepassado havia combatido com os reis. Se calhar era de um pirata. Haveria algum pirata na história da família? Aproveitou a hora do lanche para fazer perguntas à avó, sem que ela suspeitasse de nada. Era fácil, bastava pedir para ela contar histórias da família, não havia coisa que a avó mais gostasse.

– Credo, rapaz! É claro que não houve nenhum pirata na família. Sempre fomos pessoas de bem.

Essa é boa. O Francisco tinha a certeza que os piratas não eram todos maus, entre eles havia muita gente de bem. Mas não quis contradizer a avó, mesmo porque ela já tinha começado a contar outra história.

– O pai do teu avô foi o último presidente da Câmara de Alverca. Sim, Alverca foi sede de município até ao século passado. A casa da Câmara era ali, onde hoje são os correios. Naquele largo onde se faz o mercado havia, bem no meio, um pelourinho, muito bonito, mas deitaram-no abaixo.

– Porque é que o deitaram abaixo? – perguntou o Francisco que entendia, que isso não era coisa que se fizesse a um pelourinho.

– Vá-se lá saber porquê. – respondeu a avó - O certo é que o deitaram abaixo. Penso que ainda está guardado, aos bocados, no armazém da Junta, mas não tenho a certeza.

– Se está guardado, podemos voltar a colocá-lo no largo. – sugeriu o Francisco.

A avó afirmou que isso não era possível. Que o mais certo era o pelourinho acabar por se perder, mesmo porque as pessoas iam esquecer-se dele.

– Eu não vou esquecer. Um dia alguém vai colocá-lo de volta ao seu lugar. – garantiu o Francisco.

A avó passou a mão pelo cabelo do menino e sorriu enternecida.

– Mas não houve ninguém, na nossa família, que lutasse com uma espada, assim como os cavaleiros faziam antigamente? - insistiu o Francisco.

A avó contou então que há muito tempo tinha havido uma batalha, perto de Alverca, num lugar chamado Alfarrobeira. Dom Afonso V, enfrentou o tio, o infante Dom Pedro. Havia muita gente a combater de ambos os lados. A apoiar o infante, estava um antepassado do Francisco.

Quando os dois grupos se encontraram, junto da ribeira de Alfarrobeira, soaram os clarins e tambores de guerra e a cavalo, ou a pé, com espadas ou com forquilhas, os dois grupos confrontaram-se. Morreu muita gente nesse dia. Dom Pedro foi um deles.

O antepassado do Francisco foi, daqueles que apoiavam o infante, um dos poucos sobreviventes. Ferido no peito, sem sentidos, os inimigos devem ter julgado que estava morto e deixaram-no no campo de batalha.

Dias depois, ainda com ligaduras a cobrir os ferimentos, juntou-se ao grupo de homens que foi recolher o corpo do infante D. Pedro, que tinha ficado em Alfarrobeira, sem honras nem sepultura, como era hábito fazer-se, na época, com os vencidos. Depositaram-no na igreja de S. Pedro de Alverca, onde ficou até que o levaram, em segredo para ser sepultado no castelo de Abrantes.

Outra história que se contava na família era a de um outro antepassado que tinha ingressado nas tropas luso-britânicas, na defesa das Linhas de Torres, quando os exércitos franceses invadiram Portugal.

Mas nesse tempo já não se usavam espadas e o Francisco não prestou muita atenção à história. Não conseguia deixar de pensar na espada, nem nesse antepassado que tinha combatido ao lado do Infante Dom Pedro. Será que a espada lhe tinha pertencido?

O certo é que, a partir desse dia, sempre que tinha oportunidade, o Francisco corria para o sótão da avó, tirava a espada do esconderijo e brincava, imaginando-se num tempo muito distante em que lutava com Dom Afonso V e o vencia. Alterava a história, mas quem se importava com as fantasias de um menino?

Muitos anos mais tarde, já adulto, descobriu que, junto com mobiliário, documentos e outras coisas, o seu bisavô tinha levado para casa a espada dos paços do Concelho, no dia em que Alverca deixou de ser município.

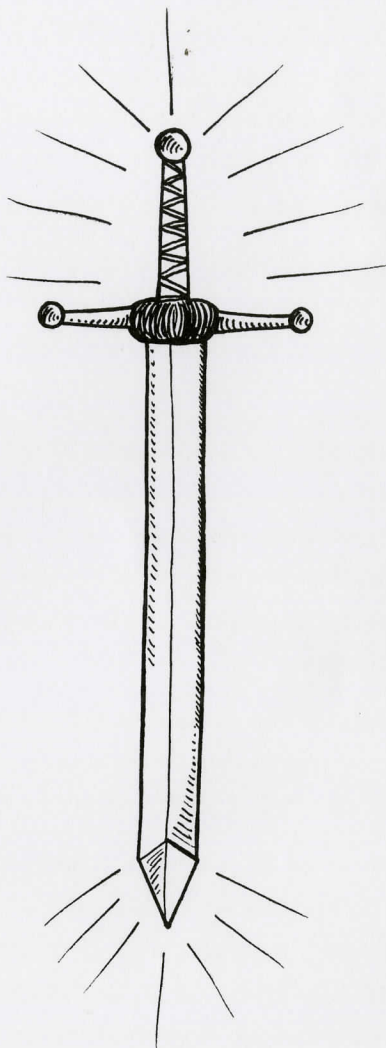
Ficou um bocadinho desapontado, a lembrar-se de todas as fantasias que tecera em volta dela. Subiu ao velho sótão da avó, mas por mais que procurasse, não encontrou a espada. Tinha-se perdido para sempre. Tinha também desaparecido a bandeira onde o Francisco encontrara a espada enrolada, assim como outros testemunhos da Câmara de Alverca.

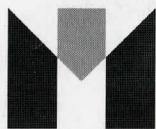
- Que pena. Qualquer dia ninguém se lembra que Alverca, um dia, foi município. – pensou o Francisco, com uma pontinha de tristeza.

De repente, lembrou-se de uma coisa importante. Correu para a rua, desceu a calçada do Guerreiro. E parou no largo João Mantas. Bem no meio, estava, o pelourinho restaurado e recolocado no seu lugar, em frente à antiga casa da Câmara, que agora era um museu, onde se guardavam e revelavam as histórias de Alverca.

O Francisco sorriu. Dificilmente as pessoas iam esquecer que um dia Alverca tinha tido Câmara Municipal, só era pena desconhecerem que nessa Câmara tinha havido uma espada, que fora objecto da fantasia de um menino.

– Talvez um dia conte esta história a alguém. – murmurou o Francisco, enquanto subia as escadas, para visitar o museu.





MUSEU
MUNICIPAL